Belo Horizonte - Fundação João Pinheiro | 2021

Jessyka Martins
Maria Clara Mendes
Mônica Silva
Sérgio Luiz Felix da Silva

História da Malu

Série Sempre-vivas 2

Autoras:
Jessyka Martins
Maria Clara Mendes
Mônica Silva
Sérgio Luiz Felix da Silva

Ilustração:
Gabriela Silveira Reis - Agência Braspub

Belo Horizonte - Fundação João Pinheiro | 2021

ISBN: 978-65-88757-02-4

PARTE INTEGRANTE DO LIVRO MULHERES NEGRAS E GESTORAS: PORQUE SIM!

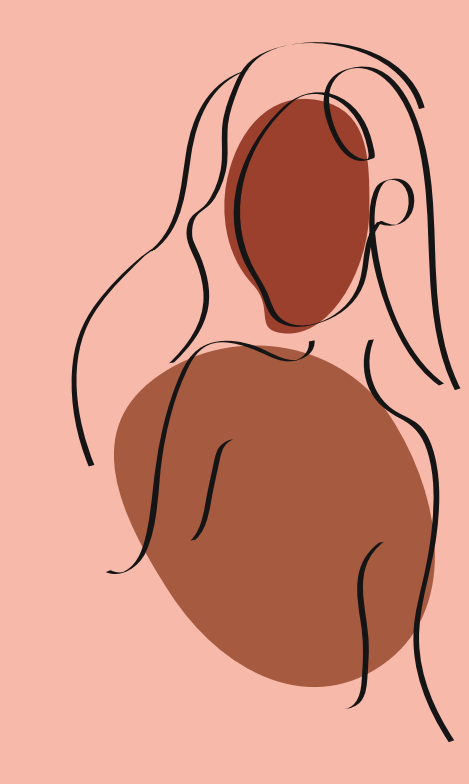
História da Malu

AVISO!

Para melhor leitura, recomenda-se usar o celular ou tablet na horizontal; No computador, usar o leitor de PDF no "modo leitura", atalho: tecla CTRL + H

Série Sempre-vivas 2

Maria Luiza estava há quase uma hora parada em frente ao espelho. Uma dúvida havia tomado conta dela: ir ou não ir ao sítio. Não que essa fosse uma pergunta tão difícil de responder. Toda criança de 13 anos, como ela, iria querer ir ao sítio com a turma. E Maria Luiza, também, tinha a mesma opinião. Principalmente, quando a mãe dela a autoriza a ir passear sozinha com a turma. Isso acontecia tão raramente



Porém, naquele sábado, tudo estava diferente.

A tia Leia havia ido à casa da Maria Luiza na sexta-feira, elas conversaram e riram muito. A tia Leia era tão alegre! Não fosse aquele rosto bonito de uma mulher de quase 50 anos, Maria Luiza diria que ela era uma adolescente.

Sim, a tia Leia combinava todas as coisas boas: a sabedoria de quem já tinha experienciado a vida, a beleza dos 50 anos e a risada de uma adolescente. Era fácil para Maria Luiza se divertir com ela.

Na sexta-feira, entre risos e músicas, Maria Luiza havia pedido à tia Leia que escovasse e pranchasse o seu cabelo:

– Sabe como é, né, tia?! Para ficar igual as meninas do Instagram, TikTok. Quero ele bem lisinho, escorrido.

Maria Luiza ostentava uma cabeleira negra, de fios com cachinhos tão pequenos que pareciam molinhas e que cresciam para cima e para os lados, como um sol ao redor do seu rosto.

Na maior parte do tempo, Maria Luiza amava o seu cabelo. Desde pequena, usava-o solto ou com tiaras, turbantes, tranças, dreads... Nunca faltou criatividade à mãe para arrumar os cabelos de Maria Luiza.

Porém, a adolescência chegou e não é que Maria Luiza houvesse desgostado do cabelo. Ela estava cansada de ser a engraçada, e nunca a mais bonita. De ser a amiga de todos os meninos, mas nunca a que eles chamavam para lanchar. E Maria Luiza tinha certeza de que os cabelos lisos a deixaria mais bela.

– Por favor, Tia, só hoje, escova, é rapidinho.
Disse Maria Luiza em tom de súplica.

Tia Leia lavou o cabelo de Maria Luiza bastante contrariada:
– Seu cabelo é tão bonito, Malu, por que fazer isso?!

Mas, Maria Luiza insistia, insistia e a tia foi seguindo com todo o processo.

E, depois de algumas horas de calor, puxões de cabelo, uma esbarradinha da prancha na orelha, lá estava Maria Luiza, de lisos cabelos.

Agora, eles batiam bem abaixo do seu ombro, ela os balançava de um lado para o outro. E não via a hora de chegar segunda-feira, para ela entrar na sala de aula com o novo cabelo, a turma toda ia ficar babando.

E mais, se ela cuidasse dele bem direitinho, dormindo de touca de meia, o cabelo escovado poderia durar a semana inteira. Imagina?! Maria Luiza ia ser o comentário da escola por uma semana.

Porém, deu tudo errado. Um pouco mais tarde na sexta-feira, a Ana, sua amiga desde a pré-escola, mandou uma mensagem:

Malu, vms ao sítio, amanhã? Lá tem piscina, tobogã, sala de jogos, a gnt vai se divertir mtooo. Ah! Ñ preocupa. Minha mãe já cvs com a sua. E tá de boa, ela disse q vc pode ir com a gnt.

A mensagem que em qualquer outro momento faria a Maria Luiza chorar de felicidade, agora a fazia chorar de tristeza.

Poxa, Ana! Tinha q ser neste fim de semana? Acabei d arrumar o kbelo.

Disse Maria Luiza mandando uma selfie para amiga.

Ahh, Malu! Deixa disso. Depois vc arruma o kbelo d novo. Amanhã, 9h, passamos aí na sua ksa. Lembra do biquini.

Respondeu a Ana, que com o seu cabelo superliso, definitivamente não compreendia quanto tempo a Maria Luiza levou para alcançar aquele resultado tão lisinho, tão bonito.

Maria Luiza foi dormir pensativa e acordou como dormiu. "Vou ou vou não para o sítio?! Molho ou não molho o cabelo?". O tempo passava, já estava quase na hora da Ana e a sua mãe, a tia Renata, passarem para buscá-la. E ela seguia sem saber o que fazer.

Quando faltavam uns 10 minutos para o horário combinado, Maria Luiza mandou uma mensagem para amiga:

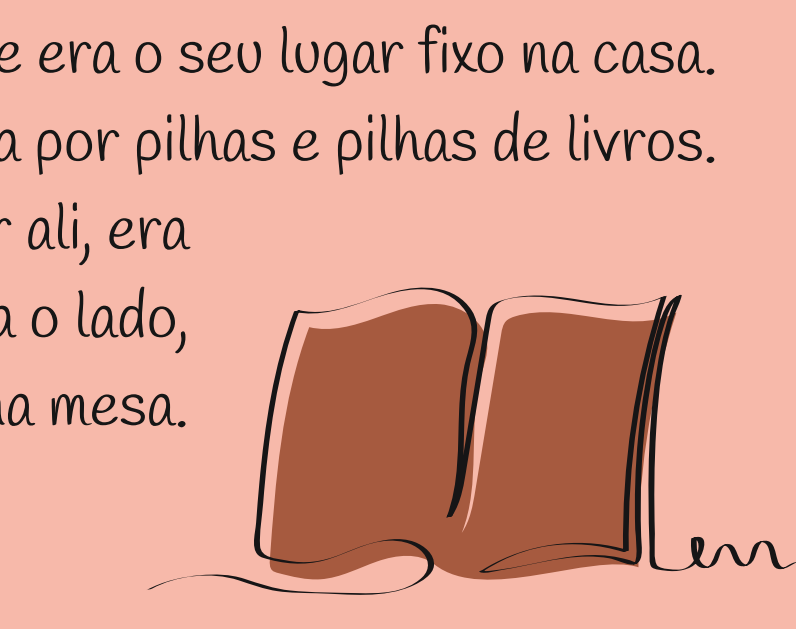
Valeu, Ana! Hj ñ vai dar.
Até segunda na escola.

😫 😭 😢 😭 😡 😭 😞

Ana respondeu com uma série de emojis que indicavam raiva, tristeza e indignação.

"Aff! A Ana é sempre muito exagerada", pensou Maria Luiza.

Finalmente, Maria Luiza saiu do quarto e se sentou à mesa da cozinha, onde a sua mãe, Bárbara, entre livros, cadernos e o notebook, digitava sem parar. Desde quando a sua mãe iniciou o doutorado, aquele era o seu lugar fixo na casa. A mesa sempre estava ocupada por pilhas e pilhas de livros. E, para fazer qualquer refeição por ali, era necessário empurrá-los para o lado, abrindo um espaço na mesa.



Bárbara, apesar de ocupada com a sua tese, logo percebeu que tinha algo diferente na Malu naquele sábado. Claro, os cabelos lisos eram a grande diferença física, mas tinha algo a mais, uma tristeza nos olhos de Malu.

– Bom dia, filha! Como estamos? Já está pronta para ir ao sítio? A Renata e a Ana devem chegar logo, logo.

– Não vou, mãe. Eu não vou para o sítio com a Ana.
Disse Malu com uma voz enfurecida.

– Por que, Malu? Você sempre pede para sair sem a minha companhia, quando eu deixo você ir, você não vai?
Eu não estou te compreendendo!
Disse a mãe empurrando o notebook para o lado e olhando fundo nos olhos de Maria Luiza.

– É este cabelo, mãe. É este cabelo.
Respondeu Maria Luiza com uma voz que rapidamente passou da fúria para o choro.

– Eu só quero ir para escola com ele bem lisinho, mãe. Só uma semana. Vai ser tão lindo. Todas as pessoas vão me admirar. Talvez até seja escolhida como a menina mais bonita da sala.
Prosseguiu Maria Luiza já entre lágrimas.

Bárbara se irritou:
– Depois de tudo que eu te ensinei, Malu?! Você está deixando o seu cabelo ser mais importante que você?!

Mas Bárbara refletiu um pouco, lembrou do passado e logo compreendeu a filha. Afinal, ela também já havia passado por situações muito semelhantes e sentido aquela dor.

– Vem cá, Malu! Senta aqui ao meu lado, nós temos muito a conversar. – Disse Barbara, com uma voz acolhedora. – Eu também já tive a mesma dúvida que você. Várias e várias vezes fugi de qualquer programação que envolvesse água. Seja clube, piscina, praia, parque aquático, até um passeio inocente na praça, se eu visse uma nuvem negra pelo céu.

Após uns instantes de troca de olhares, a mãe continuou.

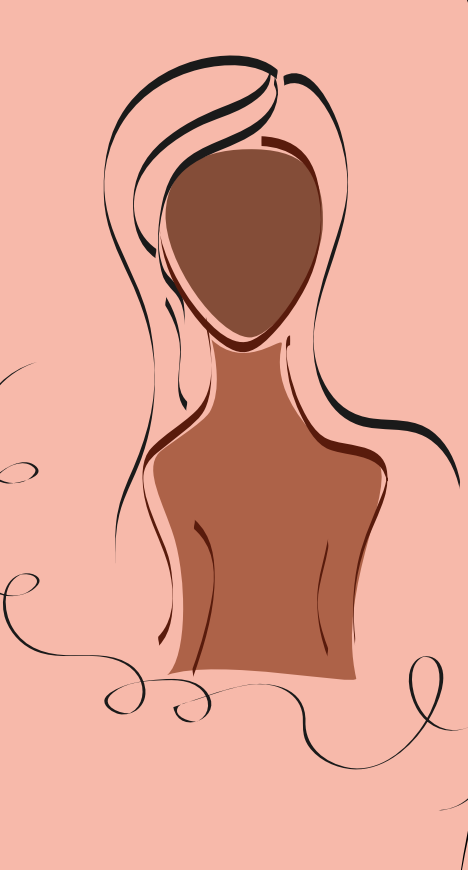
– Quando eu e a tia Leia éramos pequenas, a sua vó trançava com todo o cuidado os nossos cabelos, prendia-os em belos penteados, cada semana um laço diferente. Mas a gente cresceu e aqueles cabelos trançados, sempre presos, não faziam mais sentido para nós. Quando a sua tia Leia tinha mais ou menos a sua idade, ela aprendeu a colocar rolinhos no cabelo. E todo fim de semana essa era a nossa programação: rolinhos, arrumar a casa enquanto o cabelo secava, touca de meia para um lado e para o outro para tirar as marcas do rolinho e só depois, caso não chovesse, sentarmos no passeio para conversar com as vizinhas e vizinhos, já que a sua vó não deixava a gente ir muito longe de casa.

– Aff! Então, isso é de família?! – Interrompeu Maria Luiza.

– Sim, dona Maria Luiza! Se você me acha rígida, sua vó era o dobro. Não... o triplo!

Bárbara arrancou um pequeno sorriso de Maria Luiza e prosseguiu.

– Então, Malu, desde quando eu tinha uns 11 anos, o meu cabelo estava sempre lisinho, como o seu hoje. Quando, finalmente, eu e a sua tia começamos a trabalhar, passamos a frequentar salões de beleza. Uau! Que diferença! Lá fizemos alisamento, já tinha a escova, depois de alguns anos as pranchas... E eu já nem lembrava como o meu cabelo era originalmente. Logo veio a faculdade. E você, sabe, né?! Passei para Direito.



– Cada menina chique, arrumada em minha sala. Eu não podia ser diferente. Por isso seguia na mesma rotina de fim de semana, ou seja, arrumar cabelo. Escova, prancha toda semana e alisamento a cada três meses. O meu cabelo era tão bem cuidado que eu recebia vários elogios. Havia até quem perguntasse se ele era liso mesmo.
E eu amava tudo isso.

Bárbara parou um instante para relembrar a própria história com os cabelos.

– Mas, lá para o fim da faculdade, algo mudou. Não sei se era o estresse por causa do fim do curso ou qualquer outra coisa, o meu cabelo começou a quebrar. Uma ponta dupla aqui, outra lá. De repente meu cabelo já não era mais tão lindo assim. Eu me desesperei! Poxa! Próximo à formatura. Não dava para segurar um pouco mais, cabelo?! Comecei a investir em tratamentos cada vez mais caros para salvá-lo. Se falassem que um creme era bom, eu ia lá e comprava. Tal hidratação no salão era ótima, eu ia lá e fazia.

– Você acredita que foi assim que eu adquiri a minha primeira e única dívida, Malu? Comprei uns cremes tão caros que quando veio a fatura do cartão, meu salário não deu conta. Tive que parcelar e levei meses para quitar a dívida.

– Logo você, mãe, que não compra uma bala se não tiver no orçamento? – Questionou Maria Luiza com ar de zoação.

– Sim, Malu. Quando você deixa algo ser mais importante que você, a gente esquece até como somar e subtrair.

– E olha que engraçado, filha. Um dia no salão, conversando com a cabeleira, ela me explicou: "Sabe qual é o problema do seu cabelo, Bárbara? Excesso de cuidado. Você faz tanta coisa neste cabelo que ele não está conseguindo respirar".

Maria Luiza ficou surpresa.

– Nossa, Malu! Naquele dia, eu saí do salão muito brava. Eu pensava: "Como assim? Eu gasto tanto com este cabelo. Não gosto nem de fazer as contas, mas com o dinheiro que gastei em salão desde os meus 15 anos, dava quase para comprar um carro. E agora ele está estragando porque eu cuido demais dele? Isso não tem nenhuma lógica".

– Quando cheguei em casa tão irritada, sua tia Leia tentou me acalmar. Nessa época, Malu, a sua tia já era muito parecida com quem você conhece hoje. Já tinha aquele cabelão black power, frequentava o Movimento Negro Unificado e lia uns livros que só foram fazer sentido para mim anos depois, Lélia Gonzalez, Ângela Davis, Neuza Santos... Ela tinha um nível de cultura e compreensão sobre ela, sobre ser negra, sobre a sociedade. Era de admirar, Malu. Ela abria a boca e as pessoas sentavam para ouvi-la.

– Naquele dia, Malu, a sua tia me entregou um texto da Alice Walker, "Cabelo oprimido é um teto para o cérebro". E ali, Malu, lendo aquelas palavras, eu finalmente compreendi: não importava o formato do meu cabelo. Ele podia estar escovado e liso, com dreads, trançado ou simplesmente crespo, como ele veio ao mundo. Mas eu precisava libertar o meu cabelo, Malu. Eu nunca mais esqueci uma frase daquele texto, em que a Alice Walker dizia assim:

> **[...] impossível o crescimento da minha alma, impossível poder olhar para o Universo e esquecer meu ego completamente nesse olhar (uma das alegrias mais puras!) se continuasse presa a pensamentos sobre meu cabelo.**

– A partir dali não dava mais, Malu. Levei alguns meses, mas finalmente parei com a escova e a prancha, com os alisamentos e comecei o que hoje se chama transição capilar. Não foi fácil, filha. Tive momentos de insegurança, medo: "E se não me aceitarem? E se me acharem feia?".

Malu escutava atentamente.

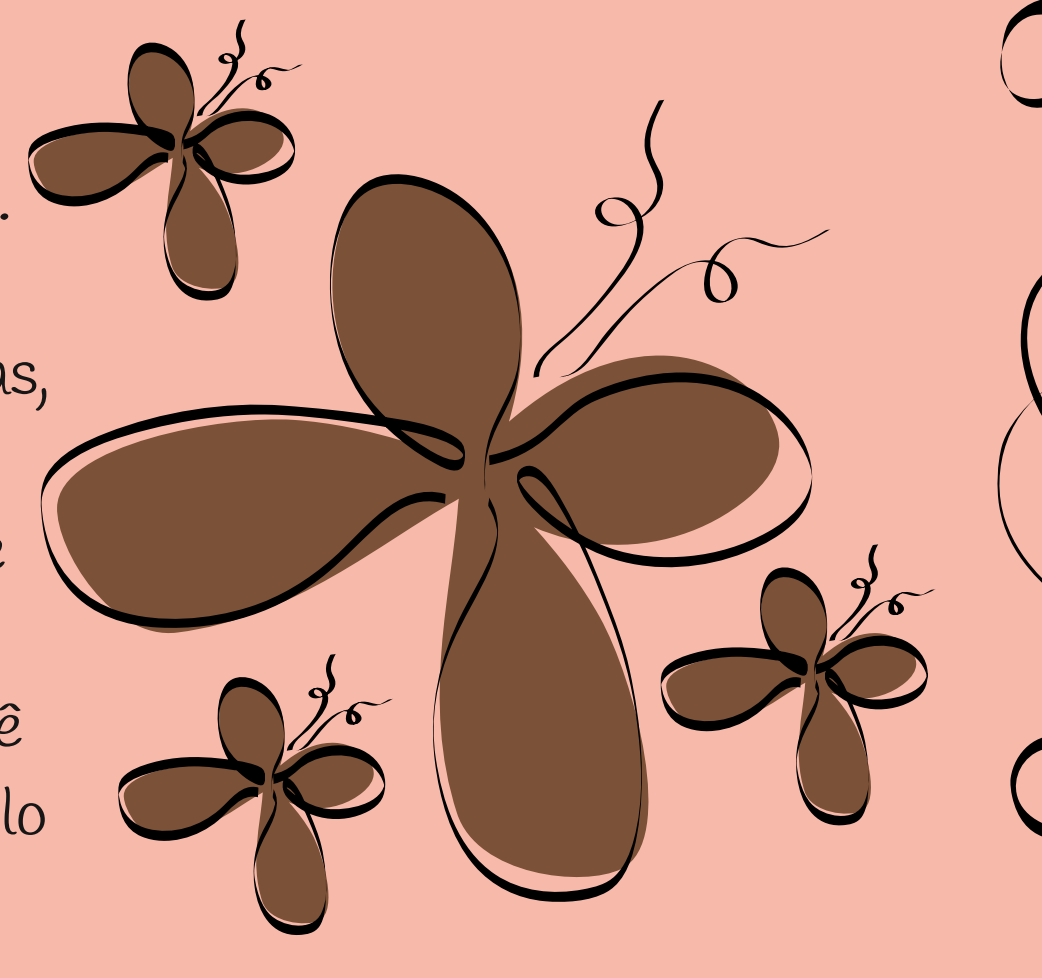
– O processo durou mais ou menos dois anos, era necessário ir cortando as pontas dos cabelos, hidratar, disfarçar as diferentes texturas e ter muita paciência. Mas eu fui forte e segui adiante. Logo, então, chegou o dia de cortar toda a parte lisa dos fios.

– Para isso era necessário cortá-lo curtinho, nunca senti tanto medo como naquele dia, era como se uma parte importante de mim estivesse indo embora. À medida em que a cabeleireira cortava os meus cabelos, as lágrimas desciam, era um misto de esperança e de desespero, afinal não me via daquele jeito há muitos anos. Aliás, eu nem me lembrava de como era antes das rotinas de salão, alisamento, escova. Era como se eu estivesse renascendo naquele instante.

– Meu cabelo ficou tão curtinho, precisei de um tempo para me acostumar, aprender como cuidar dele. Sua tia Leia dava dicas, mas foi na experimentação, afinal cada cabelo é um cabelo. Cada dia era uma descoberta. Qual creme funcionava melhor? Uns bens diferentes do que usava até ali. Nada de sulfatos, petrolatos e parabenos que pesam o meu cabelo. Quanto creme usar? Muito mais do que as revistas e os programas de TV da época ensinavam. E como pentear? Nada de escova e pente. No meu caso, eles destroem meus cachos.

– Passaram alguns bons anos, Malu, e você nasceu. Tão linda, com aquele cabelo cheio de pequenos cachos que emolduravam o seu rosto como uma coroa. Desde o início, eu busquei fazer diferente com você, Malu. Seu cabelo sempre foi livre, sem amarras, como você. Às vezes, o trançávamos. Outras, colocávamos ele mais para cima ainda com faixas e turbantes. E, na maior parte do tempo, deixávamos solto.

– Cabelos livres para ir na direção que eles queriam, filha. Desde você pequena, coloquei em seu dia a dia bonecas negras, filmes sobre o tema e quando você aprendeu a ler, livros que te ajudariam a ficar à vontade com quem você é. E assim você cresceu, Malu, com o seu cabelo crespo solto por aí.



– Por isso, minha filha, agora me assusta que por causa de um penteado você decida ir ou não a um lugar. Ainda mais sendo este lugar um sítio com piscina, sua amiga Ana e bastante diversão. Malu, você é livre para deixar o seu cabelo como quiser, inclusive, liso como ele está hoje. Porém, minha filha, ele não pode ser o seu guia, o seu limite, o teto para o seu cérebro, você é muito, muito mais do que o seu cabelo. Lembre-se sempre, minha filha: seu cabelo afro é a sua identidade. Somos negras com muito orgulho! E viemos para ficar!

Maria Luiza olhou com os seus belos olhos cor de jabuticaba para a sua mãe, as lágrimas haviam secado e ela abriu um grande sorriso daqueles que ocupam todo o rosto.

– Você está certa, mãe. Não faz sentido. Eu, que quero tanto ser livre, me prender ao meu cabelo. Ele está lindo assim, liso. Mas ele é lindo também quando está crespo! E se eu quiser muito, muito mesmo, convenço a tia Leia a escová-lo em outro momento.

– Exatamente, Malu. O seu cabelo é seu.
E não você é do seu cabelo. Lembre-se disso.
Concluiu a mãe.

Maria Luiza saiu pensativa da mesa em direção ao seu quarto. Às vezes sua mãe falava umas coisas difíceis. Ela não entendia tudo o que ela dizia. Mas ao ouvir as palavras de sua mãe, ela sentia-se forte, corajosa, capaz de conquistar o mundo.

Quando tocou a maçaneta do quarto, envolta naquela coragem que a mãe acabara de lhe ajudar a conquistar, Maria Luiza voltou para cozinha. Da porta observou a sua mãe, a sua pele negra mais escura do que a de Maria Luiza, longas tranças iam até a cintura, os olhos atenciosos que a observavam e sabiam dizer sim e não, sem que ela precisasse abrir boca.

– Mãe, você me leva no sítio da tia Rê? Está tão calor, quero nadar com a Ana.
Questionou Maria Luiza.

Bárbara levantou os olhos do notebook, pensou no tempo que ia gastar no trajeto, no prazo para entregar a tese de Doutorado, mas não deu. Sorrindo respondeu à filha:

– Vamos, Maria Luiza. Eu te deixo lá.

E lá foram as duas em direção ao sítio. Sem falarem muito, no som tocava de tudo. De Elza Soares a Tim Maia, passando por Racionais MC e Tássia Reis. Mãe e filha, vez ou outra se olhavam, cantavam algumas músicas juntas, mas a verdade é que a maior parte do caminho foi de silêncio. Como se ambas estivessem absorvendo tudo aquilo que foi dito horas antes.

Quando chegou ao sítio, a menina agradeceu à mãe.

E enquanto Bárbara dava as recomendações...
"Obedeça a Renata. Não passe o dia inteiro molhada para não gripar. Comporte-se."... Maria Luiza saiu correndo, soltou a mochila no meio do caminho e pulou na piscina. Pulou na água, na liberdade, pulou para além de si.

lutar
liberdade
resistir
História da Malu